

O impacto da piada racista na construção do *self* de pessoas negras

The impact of racist joke on black people's self

Thaís Diniz Ribeiro¹, Raissa Cruz dos Santos², Aécio Borba¹

[1] Universidade Federal do Pará (UFPA) [2] Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ) | **Título abreviado:** Piada racista e o *self* de pessoas negras | **Endereço para correspondência:** Thaís D. Ribeiro, Augusto Corrêa – 1 - Guamá, Belém - PA, 66075-110 | **Email:** thaisribeiropsi@gmail.com | **doi:** doi.org/10.18761/vecc191222

Resumo: A Análise do Comportamento tem demonstrado interesse em questões sociais com o propósito de intervir em problemas como o racismo. Propõe-se, neste ensaio, uma reflexão teórica sobre os efeitos do racismo na construção do *self* de pessoas negras, com o foco em microagressões, em especial a piada racista. Para tanto, apresentamos como as microagressões raciais podem ser compreendidas a partir da noção de quadros relacionais, e seu impacto no aprendizado de relações simbólicas. Em seguida, partimos dessas elaborações teóricas para discutir as funções das piadas racistas e suas consequências para a construção do *self* de pessoas negras. Concluímos que as piadas racistas, como parte das relações aprendidas, interferem na formação do *self* se referindo a pessoas negras como algo inferior e digno de menosprezo em vários aspectos.

Palavras-chave: Análise do Comportamento, comportamento verbal, *self*, piada racistas Teoria dos Quadros Relacionais.

Abstract: Behavior Analysis has shown interest in social issues in order to intervene in problems such as racism. This essay proposes a theoretical reflection on the effects of racism on the construction of the self of black people, with a focus on microaggressions, especially the racist joke. To do so, we present how racial microaggressions can be understood based on the notion of relational frames, and their impact on the learning of symbolic relationships. Then, we depart from these theoretical elaborations to discuss the functions of racist jokes and their consequences for the construction of the self of black people. We conclude that racist jokes, as part of learned relationships, interfere in the formation of the self to the black people as something inferior and worthy of contempt in several aspects.

Keywords: Behavior Analysis, verbal behavior, self, racist joke, Relational Frame Theory.

Nota dos Autores

As autoras do presente artigo são mulheres negras, informação que consideramos importante destacar para demarcação desses lugares sociais e políticos. Agradecemos aos revisores e aos integrantes do Laboratório de Comportamento Social e Seleção Cultural (LACS) pelas valiosas sugestões que aprimoraram a versão final deste trabalho, em especial ao Me. Cândido Rocha Flores Júnior. Este trabalho foi feito com apoio parcial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

O racismo estrutural é um conjunto de práticas que permeia todas as relações sociais, sendo também produto de estruturas políticas, econômicas, jurídicas e até familiares (Almeida, 2019). As práticas racistas não se referem a uma patologia social ou que está dentro das instituições e pessoas, elas fazem parte de toda a estrutura de uma sociedade. Segundo Almeida (2019), tanto os comportamentos individuais como os processos institucionais são produzidos a partir de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção.

A escravização da população negra foi sustentada por argumentos econômicos (obtenção de recursos e materiais), religiosos (salvação dos povos) e científicos (eugenia) que afirmavam a superioridade do povo branco sobre os outros (de Sousa et al., 2022; Munanga, 2004). Atualmente as pessoas negras ainda são expostas a privações (dificuldade de acesso a recursos básicos, direitos civis e ascensão social) e punições (violência policial, assédio moral, agressão verbal) (de Sousa et al., 2022) geradas pelos processos de escravidão e pela ausência de políticas reparatórias para essa população (Santos & Silva, 2018).

Em 2021, a maioria da população negra¹ estava em situação de extrema pobreza (56%) quando comparada aos brancos (43%). Em relação ao mercado de trabalho, a taxa de desocupação de indivíduos pretos e pardos (16,3%) foi maior que a de pessoas brancas (11,3%). Como consequência disso, tem-se um aumento da população negra nos trabalhos informais (46,6%) em contraste aos brancos (32,7%) (IBGE, 2022). O maior nível de instrução da população branca não sustenta essas diferenças sociais, mesmo quando a comparação é com níveis de instrução semelhantes, a taxa de desocupação é maior para pessoas negras (IBGE, 2022)

Esses dados mostram as desigualdades sociais e estruturais historicamente construídas que privam a população negra de ter acesso a direitos e recursos (de Sousa et al., 2022). Essa condição de privação evoca a emissão de qualquer comporta-

mento que produza consequências reforçadoras (comida, proteção, afeto) submetendo esse grupo a péssimas condições de trabalho, mendicância e criminalidade a fim de dispor de recursos mínimos para sobreviver (de Sousa et al., 2022). Por exemplo, grande parte desse grupo é considerado inapto nas vagas de emprego por não atenderem aos “critérios estéticos solicitados para vaga”. Para aumentar as chances de ter acesso a reforçadores (trabalho), pessoas negras se submetem a procedimentos estéticos e cirúrgicos (alisamento capilar, rinoplastia, bichectomia e clareamento de pele²) buscando se adaptar a estética do grupo dominante.

A escassez de reforçadores limita o acesso a uma melhor qualidade de vida. Nota-se que as vagas de emprego têm como requisitos básicos inglês fluente e intercâmbio no exterior, sendo que esses critérios são atendidos majoritariamente por pessoas brancas. Desse modo, as mesmas organizações e instituições, quando questionadas pela falta de diversidade racial, justificam afirmando que pessoas negras não têm qualificações necessárias mantendo a segregação desse grupo em instituições públicas e privadas (para aprofundamento do tema ver Ministério da Saúde, 2022).

Ademais, há o questionamento dos seus direitos, como as cotas raciais, a impunidade a crimes de racismo e a falta de prestação de serviços de saúde adequado às mulheres negras (Mizael & Sampaio, 2019). Desta forma, as possibilidades de escolha das pessoas negras são limitadas em razão da dificuldade de acesso a reforçadores e a presença de controle aversivo, dificultando inclusive formas alternativas do indivíduo responder a uma prática racista.

Mizael e Sampaio (2019) enfatizam que práticas racistas ocorrem mesmo com pessoas negras de alto poder aquisitivo, eliminando explicações que

1 No Brasil, tanto para o IBGE como para parte de movimentos sociais de pessoas negras, negros são a soma das pessoas autodeclaradas pretas e pardas (IBGE, 2022). Neste trabalho, ao mencionar a população negra ou pessoas negras, nos referimos a esses grupos.

2 A rinoplastia ou remodelagem nasal é utilizada para alterar o tamanho ou o formato do nariz, a largura das narinas e ou o ângulo do nariz (de Carvalho, et al., 2021); a bichectomia ou bichatectomia é um procedimento cirúrgico que remove uma estrutura (gordura de Bichat) dando ao rosto uma aparência facial jovem mais magra (Stevao, 2015). De acordo com Vilhena (2006) existe uma hostilidade relacionada às características ou traços negroides (rosto, nariz, cabelo). Em muitas ocasiões, essas cirurgias têm como objetivo estético diminuir esses traços, aproximando-os de características estéticas de pessoas brancas (cabelo liso, rosto e nariz fino).

recorrem à questão socioeconômica para justificar a prática racista. Pessoas negras que têm acesso a alguma qualidade de vida ainda encontram dificuldades nos serviços que buscam. Na psicologia, por exemplo, há poucos profissionais capacitados para identificar e lidar com o racismo sofrido por seus clientes, o que acaba gerando mais violências nesse contexto de trabalho (Tavares & Kuratani, 2019).

A piada racista é uma das incontáveis microagressões que se aprende a reproduzir a partir de relações que são ensinadas e mantidas em uma cultura. Alguns estudos de outras orientações teóricas e áreas do conhecimento trazem pontos interessantes para a nossa análise. Moreira (2019) discute sobre o racismo recreativo a partir da psicanálise e da sociologia, debatendo o conceito, função e impacto da piada racista tanto para a população que é alvo quanto para quem a reproduz. Segundo o autor, “estereótipos presentes em piadas e brincadeiras racistas reproduzem imagens negativas que foram utilizadas na nossa história para legitimar a opressão de minorias raciais” (p. 64). Suas análises contribuem com o tema deste ensaio ao apontar as relações que são reproduzidas por meio do humor racista, com a função de fortalecer estereótipos e práticas que violentam a população negra, ao mesmo tempo que reforçam a relação de símbolos positivos e de poder a outro grupo mantenedor de reforçadores como um produto da cultura.

Burdsey (2011), por sua vez, examina os efeitos das microagressões raciais, como as piadas racistas, em populações asiáticas a partir de uma perspectiva sociológica. O autor entrevistou jogadores britânicos de alto nível de *cricket* de descendência indiana (anglo-indianos). A partir dos relatos obtidos, identificou experiências racistas e as analisou fazendo uso da Teoria Crítica da Raça (na sigla em inglês CRT, de *Critical Race Theory*). Ele apontou que os jogadores identificavam as práticas racistas como “piadas” ou “brincadeiras” como estratégia para minimizar suas repercussões. A análise também indicou que as próprias minorias se sentem pressionadas a negar as microagressões que sofrem, fortalecendo ainda mais o racismo naquele contexto. Assim, parece que os jogadores são reforçados a emitir respostas de fuga ou mesmo reforçarem socialmente o agressor.

Katz et al. (2019) investigaram como alunos brancos de graduação respondiam a diferentes tipos de comentários preconceituosos. Os resultados indicaram que o uso do humor para expressar o racismo inibe as respostas discriminativas dos espectadores brancos ao preconceito racial expresso por um colega branco. Assim, podemos interpretar que o humor se apresentou como um comportamento reforçado socialmente que facilita a expressão de práticas racistas, diminuindo a probabilidade de haver punição a esse comportamento.

Como já mencionado, os trabalhos abordados até então partem de orientações teóricas diversas, e todas elas fornecem dados que corroboram a perspectiva de análise proposta neste ensaio, a qual evidencia as relações que são reproduzidas em uma comunidade verbal. A fim de colaborar com as produções voltadas à população negra, consideramos importante a discussão mais detalhada sobre as práticas racistas e seus impactos nessa população a partir de uma ótica analítico-comportamental.

De Rose (2016) aponta que os símbolos e relações entre estímulos e eventos estabelecidos em uma cultura reforçam a aceitação de determinadas práticas. Por exemplo, aprende-se na escola que todos os grandes nomes da história foram homens brancos e as pessoas negras e indígenas foram apenas pessoas escravizadas. Nesse caso, apresentam-se padrões de equivalência, ou seja, pessoas brancas (principalmente homens brancos) são equivalentes a lugares de poder, valor e beleza, enquanto pessoas negras e indígenas são equivalentes a menosprezo, subserviência, passividade e pobreza. Esta é uma relação aprendida desde cedo, que contribui para uma prática de normalizar que pessoas brancas sejam maioria em espaços de decisão e com poder aquisitivo, enquanto pessoas negras sejam a maioria dentro do sistema prisional brasileiro e com baixo poder aquisitivo, por exemplo (Mizael & Sampaio, 2019).

Problematizar o aprendizado dessas relações simbólicas torna-se de especial relevância considerando seu impacto na forma como as pessoas negras se veem e se relacionam consigo mesmas a partir da recorrência dessas associações em sua história. Aprender a descrever a si mesma ou mesmo com base nas práticas racistas de uma comunidade verbal pode afetar pessoas negras (de Rose, 2016), gerando sofrimento para quem vive nesses contextos

(Kohlenberg & Tsai, 1991; Mizael & Sampaio, 2019; Wong et al., 2014). Uma pessoa negra que cresce em um ambiente estruturalmente racista, sendo alvo frequente de piadas racistas, aprende a se descrever e se comportar no seu ambiente controlada por práticas racistas do seu meio social (Mizael & Sampaio, 2019).

Discutir práticas culturais racistas por uma perspectiva analítico-comportamental é importante para a psicologia e para a sociedade, uma vez que contribui para a descrição das contingências sociais envolvidas no controle do conjunto de respostas investigadas. Isso contribui para possibilitar melhores práticas de reflexão, pesquisa e, principalmente, de intervenções adequadas a essa população que tem seu sofrimento insistentemente negligenciado. Construir trabalhos nessa direção pode auxiliar profissionais da área na compreensão sobre o tema, visto que profissionais e pesquisadores da psicologia ainda são majoritariamente brancos (e.g., Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos [DIEESE], 2016; Tavares & Kuratani, 2019), sendo historicamente o grupo que concentra e distribui mais acesso a reforçadores positivos, ou seja, detém mais poder nas relações sociais (Mizael et al., 2021).

O objetivo deste ensaio é contribuir com os estudos sobre racismo na Análise do Comportamento examinando teoricamente possíveis impactos de piadas racistas no *self* de pessoas negras. Para tanto, apresentamos o modo como as microagressões raciais podem ser compreendidas a partir da noção de quadros relacionais e seu impacto no aprendizado de relações simbólicas. Em seguida, partimos dessas elaborações teóricas para discutir as funções das piadas racistas e suas consequências para a construção do *self* de pessoas negras. Concluímos que as piadas racistas, como parte das relações aprendidas, interferem na formação do *self* se referindo a pessoas negras como algo inferior e digno de menosprezo em vários aspectos.

Microagressões e quadros relacionais

A microagressão racial é uma das formas de expressão do racismo. As microagressões são comportamentos verbais triviais que, independente da

intencionalidade, “comunicam desprezos e insultos raciais hostis, depreciativos ou negativos à pessoa ou grupo alvo” (Sue et al., 2007, p. 273), sendo um comportamento reforçado e mantido pela cultura. As microagressões são comportamentos direcionados a pessoas não-brancas por pertencerem a grupos raciais específicos (Sue et al., 2007). Nesse sentido, a piada racista pode ser entendida como um tipo de microagressão racial.

A piada racista é uma microagressão que possui características importantes de serem observadas. Essa prática se refere a um conjunto de respostas reforçadas no âmbito de contingências sociais de uma dada cultura (de Rose, 2016). Na piada racista são associados símbolos de inferioridade intelectual, social, cultural, entre outras, à cor da pele ou a traços fenotipicamente relacionados à população alvo, o que reforça o seu caráter microagressivo (Mizael & Sampaio, 2019; Wong et al., 2014). Além disso, essa prática pode ter como resposta o riso (reforço social) que tem potencial de aumentar a frequência da prática racista em situações sociais similares. Entretanto, para a pessoa negra, indígena ou amarela que escuta uma piada racista, essa prática pode adquirir funções aversivas, gerando, por exemplo, respostas de tristeza e raiva.

A piada racista é expressa por meio de comportamentos verbais ofensivos com o objetivo de criar uma situação pretensamente divertida da perspectiva do agressor em uma determinada comunidade verbal (Epstein & Joker, 2007; Wong et al., 2014; Yosso et al., 2009). As microagressões raciais, como a piada racista, são nomeadas como “micro” não no sentido de provocarem pouco impacto em uma pessoa, mas de serem menos identificadas socialmente como uma forma de agressão (e.g., Da Silva & Powell, 2016). Assim, acabam tendo uma maior probabilidade de serem reforçadas e menor probabilidade de serem punidas em uma comunidade verbal (da Silva & Powell, 2016).

Na Análise do Comportamento há algumas formas de estudar o comportamento verbal. Por exemplo, Skinner (1957) define comportamento verbal como um comportamento operante mediado pelo ouvinte e mantido pelas consequências produzidas em uma comunidade verbal. Já na Teoria dos

Quadros Relacionais³ (na sigla em inglês RFT, de *Relational Frame Theory*), o comportamento verbal é discutido incluindo uma rede de relações arbitrariamente aplicáveis entre diversos estímulos (Barnes-Holmes et al., 2016). Para o desenvolvimento do objetivo deste trabalho, abordamos especificamente o comportamento verbal na perspectiva da RFT.

A RFT é uma teoria que investiga sistemas complexos como a linguagem e a cognição humana, incluindo as relações arbitrárias que contribuem para a construção do comportamento verbal (Hughes & Barnes-Holmes, 2016). Para a RFT, o comportamento verbal e simbólico são respostas relacionais arbitrariamente aplicáveis a estímulos (na sigla em inglês AARR, de *Arbitrarily Applicable Relational Responding*) (Hughes & Barnes-Holmes, 2016), tais como considerar que uma pessoa negra é inferior e uma pessoa branca superior, baseando-se na cor da pele e em traços fenotípicos. As relações arbitrárias entre os estímulos são “baseadas na capacidade de derivar relações entre estímulos e eventos independentemente de suas características físicas e na ausência de qualquer treinamento ou instrução direta para fazê-lo” (Hughes & Barnes-Holmes, 2016, p. 138).

O comportamento verbal arbitrariamente aplicável às relações entre estímulos diferentes pode ser derivado a partir da exposição ao treino de múltiplos exemplares de determinada relação. Se um indivíduo é exposto a treinos de múltiplos exemplares das relações “branco-luz”, “branco-paz”, “branco-bom” e também das relações “preto-escuridão”, “preto-ruim” e “preto-maldade” pode-se daí derivar a relação: “todo branco é bom e todo preto é ruim” (Hughes & Barnes-Holmes, 2016; Moreira et al., 2017; Skinner, 1957). Cada uma dessas redes de relações abstraídas é denominada quadro relacional. Exemplos de relações que podem ser aprendidas sem o ensino direto de estímulos são: coordenação (“África representa pobreza”), oposição (“branco é o oposto de negro”), diferença (“riqueza é diferente de pobreza”), comparação (“pes-

soas brancas são mais bonitas que pessoas negras”), hierarquia (“pretos e pardos fazem parte da população negra”), espaciais (“ela está na frente dele”), temporais (“Maria Firmina veio antes de Conceição Evaristo”), de causalidade (“se você não alisar o cabelo, então ficará desempregada”), e dêiticas (“eu estou aqui, mas você está lá”) (Hughes & Barnes-Holmes, 2016; Perez et al., 2013; Stewart, 2013).

Todos os quadros de relações arbitrárias envolvem três características que as definem: implicação mútua, implicação combinatória e transformação de função (Hughes & Barnes-Holmes, 2016; Perez et al., 2013; Stewart, 2013). A transformação de função é uma característica fortemente evidenciada no controle do comportamento pela linguagem. Por exemplo, se dois estímulos, uma pessoa negra (A) e um colar guia (B) (usado na Umbanda para representar o guia espiritual do religioso) participam de uma relação (religião de matriz africana = pessoas negras), e um (por exemplo, A) tem uma função para o comportamento (por exemplo, aversiva), então, o outro estímulo (B) pode ter a função transformada dependendo dessa relação (tornando-se também aversivo) (Stewart, 2013).

Piadas racistas: funções e consequências para a construção do *self* de pessoas negras

O uso de piadas racistas tem como um de seus alvos a população negra, independentemente da consequência imediata que mantém esse conjunto de respostas (seja com a função de obter reforço social, fazer parte de um grupo ou insultar uma pessoa negra) (Mizael & de Rose, 2017). Dessa forma, por mais que uma piada racista pareça inofensiva em um dado contexto, reforça relações e símbolos de inferioridade como negro-feio (e.g., “preto igual carvão, feio que nem cão”; “olha a lapa de beijo!”; “brigou com o pente foi morena?”; “ô nega do cabelo duro!”), negro-ruim (e.g., “tinha que ser preto; a coisa tá que nem tu: preta”; “fez igual serviço de preto!”; “quem gosta de preto é polícia!”), e negro-inferior (e.g., “além de ser preto é burro”; “eu não sou tuas negas”) entre outras. Se um indivíduo negro é exposto e aprende algumas ou todas as relações arbitrárias referentes à pessoa negra, pode entender que

3 *Relational Frame Theory* também é frequentemente traduzida como teoria das *moléculas* relacionais. Aqui, preferimos a tradução de quadros pelo nome da teoria estar relacionado à ideia de *quadro de referência* (*frame of reference*), mais usualmente utilizado em português.

essas relações também se referem a ele (Hughes & Barnes-Holmes, 2016; Moreira et al., 2017). Assim, estímulos inicialmente neutros podem passar a ter função aversiva por fazer parte de quadros relacionais com pessoas negras.

O *self* da pessoa negra é construído nesse contexto cultural e é influenciado por ele. Compreender como a cultura mantém práticas racistas em sua estrutura é um ponto essencial para entender o contexto em que as piadas racistas ocorrem. Se uma pessoa negra tem suas características consistentemente associadas a símbolos e valores menosprezados em uma sociedade, e essas associações são mantidas e modeladas culturalmente, a piada racista tem alta probabilidade de ser emitida e reforçada nesse contexto.

De modo geral, entre os autores da Análise do Comportamento, o *self* é entendido como um conjunto de comportamentos (públicos e privados) relacionados à percepção e descrição de si mesmo, identificados e aprendidos a partir da interação do indivíduo com seu ambiente/comunidade verbal (Moreira et al., 2017; Rubio, 2004). Podemos compreender que a construção do *self* se dá a partir das interações do indivíduo com os quadros de relações reproduzidas no seu ambiente. Assim, é possível aprender diversas relações, mesmo sem um contato com o ensino direto delas, mas por derivação a partir de estímulos postos como relacionados em uma determinada comunidade verbal. Não se trata, portanto, de uma “estrutura psíquica” ou interna como o termo às vezes é usado em outras abordagens psicológicas, mas é fundamentalmente comportamento verbal, aprendido e construído a partir da interação entre um indivíduo e uma comunidade verbal que o ensina a descrever a si mesmo (Tourinho, 2006, 2009).

Uma criança negra pode aprender desde cedo a rejeitar símbolos e práticas culturais associados à cultura negra, por esta estar relacionada a símbolos que a menosprezam e depreciam. Quando uma criança negra é chamada pejorativamente de negra na escola, ela é exposta à relação “negro-ruim”, “eu-negra”, logo “eu-ruim”; nesse exemplo o termo “negra” inicialmente neutro passa a ter função aversiva para a criança. Relações como essas são propagadas pelas mídias e reforçadas/mantidas pela cultura e pelas instituições que fazem parte dela.

Ideias racistas descrevendo pessoas negras como inferiores, menos inteligentes e incapazes, são ensinadas ao indivíduo por meio de redes de relações mantidas em práticas culturais, mesmo que isso nunca tenha sido dito diretamente a ele (Fenner et al., 2022). Por exemplo, a mesma criança do exemplo anterior cresce envolta por práticas que constantemente a relembram das relações aprendidas quando era criança, no âmbito das quais podem ser derivadas relações como “eu-negra”, “negra-burra”, “burra-incompetente”, “eu-incompetente”.

Por mais que essa criança, do exemplo anterior, quando adulta tenha acesso a indicadores de bom desempenho e pessoas falando sobre o seu bom trabalho, ela pode estar insensível a (ou não discriminar) esses estímulos por não estarem de acordo com as relações simbólicas aprendidas culturalmente, ou ainda estes terem seu efeito diminuído pela presença mais frequente de descrições verbais que fazem o oposto. Uma pessoa negra estando exposta a essas relações pode frequentemente se sentir inferior e incapaz (de Araújo et al., 2022; Mizael et al., 2021; Tavares & Kuratani, 2019). Como resultado, pode escolher por projetos de vida mais “fáceis” que aqueles que realmente quer, ou ainda, ver-se pressionada a provar competência aos outros como forma de compensação por ser negro, como exemplificado na fala “sou negra, mas sou uma excelente profissional”. Nesse exemplo, o uso de “mas” como uma conjunção adversativa sugere que as ideias de ser negra e uma boa profissional não deveriam ser colocadas como normalmente relacionadas. Isso é um efeito comum de práticas e microagressões aqui discutidas.

Provar competência e sentir-se inseguro diante de atividades profissionais e diárias são impactos que ficam ainda mais evidentes com a ascensão financeira e profissional da população negra. Como ambientes sociais afortunados estão majoritariamente associados a pessoas brancas, pessoas negras, mesmo tendo ascendido socialmente, podem não se sentir pertencentes a esses ambientes. Assim, aprender que a relação “eu-negra” está vinculada a símbolos de inferioridade intelectual, social e cultural, favorece a emissão de respostas de autodescrições depreciativas, que podem estar associadas a sentimentos de ansiedade, diminuição do valor reforçador de estímulos postos, e descrições como “posso perder isso a qualquer momen-

to” ou “não mereço estar aqui”. Como discutido, nossa interpretação é que a construção do *self* de uma pessoa negra seja influenciada pela exposição a essas microagressões.

Como nossa sociedade é estruturalmente racista, comportamentos de contracontrole de práticas racistas são punidos, ao mesmo tempo que a própria população alvo dessas práticas tem seu comportamento reforçado ao reproduzi-las. Por isso é possível, especialmente em ambientes com poucas fontes de reforçadores sociais, que pessoas negras passem a reproduzir microagressões sofridas, como forma de pertencer a um grupo. Nesse caso, deve-se considerar que na história de um indivíduo pode não lhe restar outra opção para a obtenção de reforçadores sociais provenientes de um determinado grupo (e.g., fazer as piadas racistas para manter amigos perto ou rir de piadas racistas feitas consigo, mesmo se sentindo desconfortável) (de Araújo et al., 2022; Tavares & Kuratani, 2019). De forma ainda mais perversa, a reprodução de microagressões pela população negra ainda pode ser usada como argumento por parte de pessoas brancas, a fim de justificar que as pessoas mais racistas são pessoas negras. Do ponto de vista analítico-comportamental, recorrer a esse “argumento” pode ser entendido como um comportamento de esquiva de culpa e responsabilidade por emitir comportamentos racistas, o que, em última instância, ajuda a manter o sistema de privilégios em favor dos brancos (Paixão Junior, 2022; Moreira, 2019).

Considerações finais

Podemos compreender que uma cultura baseada em uma história racista tem maior probabilidade de promover um ambiente social propício para o reforçamento e manutenção de práticas racistas. As microagressões em geral, e as piadas racistas em específico, são aprendidas a partir das redes de relações arbitrarias que, sem a necessidade de um treino direto em uma comunidade verbal, contribuem para a formação de símbolos que representam relações presentes nessa comunidade. A partir disso, é possível entender os fenômenos promovidos pela linguagem que corroboram para a formação de redes de relações arbitrariamente relacionadas a pessoas negras.

Assim, pessoas negras aprendem a se descrever em um contexto no qual as relações aprendidas, que interferem na formação do *self*, se referem a elas como algo inferior e digno de menosprezo.

Tendo em vista essas práticas, é imprescindível discutir comportamentos racistas, principalmente os mais frequentemente reforçados, como as piadas racistas. A perspectiva histórica e cultural de práticas racistas pode facilitar sua compreensão, assim como a descrição das contingências culturais que mantêm esses comportamentos. Essa perspectiva pode viabilizar meios de reflexão, pesquisa e de intervenções a nível cultural que sejam capazes de provocar mudanças nessas contingências.

A atenção voltada a essas relações pode abrir espaço para discussão das contingências sociais e culturais que mantêm práticas racistas na comunidade de analistas do comportamento, na tentativa de observar como essas práticas influenciam a produção de trabalhos direcionados ao tema. Com o avanço dessa discussão, seria interessante pensar na criação de mecanismos que possam mudar essas contingências sociais e culturais, modificando as relações estabelecidas e, com isso, promover melhores condições para a construção do *self* de pessoas negras.

Além da necessidade de pesquisar e intervir sobre contingências que contribuem para a manutenção de piadas racistas, é importante discutir e pesquisar práticas profissionais que possam ser efetivas na intervenção clínica. Essa empreitada envolve, ao menos, duas frentes: por um lado, construir no *setting* terapêutico a possibilidade de uma relação que ofereça contingências favoráveis à discussão e reconstrução das relações simbólicas estabelecidas e mantidas em uma comunidade verbal estruturalmente racista. Em outras palavras, cabe aos profissionais da área clínica que atendem pessoas que apresentam sofrimento relativo a um histórico de microagressões com repertório de autodescrições pejorativas, criar condições em um ambiente seguro, em que a pessoa possa refletir, questionar e construir novas descrições de si mesma, reconhecendo a arbitrariedade das relações mantidas pela comunidade verbal que naturaliza práticas racistas. Este profissional deve também agir para que seus clientes possam construir repertórios efetivos para lidar com microagressões e piadas racistas – como

habilidades sociais de assertividade e a possibilidade de buscar novos reforçadores (ou seja, recusar submeter-se a grupos que apresentem frequência de comportamentos racistas).

Em outra frente, o analista do comportamento deve ter atenção e responsabilidade social de intervir quando identifica em seu cliente práticas de microagressões e piadas racistas, mesmo que isso não seja necessariamente parte da queixa. Isso pode ser feito novamente com a construção de repertórios de habilidades sociais e de tomada de perspectiva e empatia (Garcia, Andrews & Brothers, 2021).

Este ensaio apresenta algumas limitações e potenciais. Nossa reflexão teórica ficou restrita ao exame de possíveis impactos da piada racista na construção do *self* de pessoas negras. Há, também, a necessidade de aprimorar as caracterizações analítico-comportamentais de termos como “microagressões raciais” e “piada racista” (e.g., de Barros, 2021). Entretanto, este ensaio tem potencial para fundamentar novas pesquisas referentes à Análise do Comportamento e microagressões, e pode auxiliar na discussão de intervenções voltadas à atenção clínica às questões relacionadas ao *self* de pessoas negras.

Discutimos questões sociais e raciais a fim de fomentar o interesse de profissionais da psicologia a buscarem mudanças em sua própria prática, considerando a perspectiva racial como algo que perpassa todas as experiências vividas e aprendidas pelos indivíduos. Destacamos a importância desses profissionais compreenderem as experiências raciais da população que se propõe a prestar serviços, evitando que as pessoas negras sejam expostas a práticas racistas quando precisam de acolhimento e escuta.

Referências

- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Hussey, I., & Luciano, C. (2016). Finding its historical and intellectual roots and reflecting upon its future development: An introduction to Part II. In Zettle, R. D., Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Biglan, A. (Eds.), *The Wiley handbook of contextual behavioral science* (pp. 117-128). Wiley Blackwell.
- Burdsey, D. (2011). That joke isn't funny anymore: Racial microaggressions, color-blind ideology and the mitigation of racism in English men's first-class cricket. *Sociology of Sport Journal*, 28(3), 261-283. <https://doi.org/10.1123/ssj.28.3.261>
- de Carvalho, J. F., Bicudo, J. A., de Carvalho Britto, R. M., Machado, P. de P. M., & Abreu, S. C. (2021). A evolução histórica nas técnicas de rinoplastia. *Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos*, 16(2), 70-73. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.29184/1980-7813.rcfmc.431.vol.16.n2.2021>
- da Silva, G. H. G., & Powell, A. B. (2016). Microagressões no ensino superior nas vias da educação matemática. *Revista Latinoamericana de Etnomatemática Perspectivas Socioculturales de La Educación Matemática*, 9(3), 44-76.
- de Araújo, E. M., da Silva Xavier, K. A., de Souza, L. B., & Vichi, C. (2022). Racismo internalizado: Uma perspectiva analítico-comportamental. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(1), 342-353. <https://doi.org/10.18761/DH000166.set21>
- de Barros, M. A. (2021). *Uma análise comportamentalista radical do conceito de microagressão*. [Projeto de qualificação]. Universidade Federal do Espírito Santo.
- de Rose, J. C. (2016). A importância dos respondentes e das relações simbólicas para uma análise comportamental da cultura. *Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 24(2), 201-220.
- de Sousa, V. P., Mizael, T. M., & de Rose, J. C. (2022). Variables involved in the acquisition and maintenance of racial aggression and its victims' reactions. *Behavior Analysis in Practice*, 15, 1151-1160. <https://doi.org/10.1007/s40617-022-00696-7>
- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2016). Projeto 2 – Levantamento de informações sobre a inserção dos psicólogos no mercado de trabalho brasileiro. Relatório final. Análise de dados. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/08/Relat%C3%B3rio-final-Projeto-2-1.pdf>
- Epstein, R., & Joker, V. R. (2007). A threshold theory of the humor response. *The Behavior*

- Analyst*, 30(1), 49-58. <https://doi.org/10.1007/BF03392145>
- Fenner, M. C., Alves, R. G., & de Souza Reis, T. (2022). Capítulo 5. O que analistas do comportamento têm a dizer (e fazer) sobre o atendimento psicoterapêutico de minorias sociais? In F. M. dos Santos Souza & J. S. V. Kanamota (Eds.), *Diálogos em Análise do Comportamento: Vol. IV*. Instituto Walden4.
- Garcia, Y., Andrews, M., & Brothers, L. (2021). Perspective taking: A relational frame approach to understanding in compassion and social justice. In J. A. Sadavoy & M. L. Zube (Eds.), *A scientific framework for compassion and social justice* (pp. 217-224). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003132011>
- Hughes, S., & Barnes-Holmes, D. (2016). Relational frame theory: The basic account. In R. D. Zettle, S. C. Hayes, D. Barnes-Holmes, & A. Biglan (Eds.), *The Wiley handbook of contextual behavioral science* (pp. 129-178). Wiley Blackwell.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101979>
- Katz, J., Grant, C., & Merrilees, C. (2019). Just joking? White college students' responses to different types of racist comments. *Journal of Diversity in Higher Education*, 12(4), 341-350. <https://doi.org/10.1037/dhe0000102>
- Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1991). The self. In R. J. Kohlenberg & M. Tsai (Eds.), *Functional analytic psychotherapy: Creating intense and curative therapeutic relationships* (pp. 125-168). Plenum Press.
- Ministério da Saúde. (2022). *Boletim temático da biblioteca do Ministério da Saúde (vol. 2)*. Secretaria-Executiva. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/boletim_tematico/populacao_negra_novembro_2022.pdf
- Mizael, T. M., de Castro, M. S. L. B., & Dittrich, A. (2021). Uma interpretação analítico-comportamental do colorismo e de suas implicações clínicas. *Acta Comportamentalia*, 24(4), 65-81.
- Mizael, T. M., & de Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamentalia*, 25(3), 365-377.
- Mizael, T. M., & Sampaio, A. A. S. (2019). Racismo institucional: Aspectos comportamentais e culturais da abordagem policial. *Acta Comportamentalia*, 27(2), 215-231.
- Moreira, A. (2019). *Racismo recreativo*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Moreira, F. R., da Silva, E. F., de Oliveira Lima, G., Assaz, D. A., Oshiro, C. K. B., & Meyer, S. B. (2017). Comparação entre os conceitos de self na FAP, na ACT e na obra de Skinner. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(3), 220-237. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v19i3.1064>
- Munanga, K. (2004). *História do negro no Brasil – o negro na sociedade brasileira: Resistência, participação, contribuição – volume I*. Fundação Cultural Palmares–MinC Com Apoio Do CNPq.
- Paixão Junior, F. D. (2022). Conhecimento científico e interseccionalidade: Da ingenuidade à sensibilidade política na Análise do Comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13, 304-320. <https://doi.org/10.18761/DH000176.dez21>
- Perez, W. F., Nico, Y. C., Kovac, R., Fidalgo, A. P., & Leonardi, J. L. (2013). Introdução à Teoria das Molduras Relacionais (Relational Frame Theory): Principais conceitos, achados experimentais e possibilidades de aplicação. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 4(1), 32-50. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v4i1.105>
- Rubio, A. R. (2004). Behaviorismo radical: Uma revisão do conceito de self na obra de B. F. Skinner. In M. Z. S. Brandão, F. C. S. Conte, F. S. Brandão, Y. K. Ingberman, C. B. Moura, & S. M. Olianne (Eds.), *Sobre comportamento e cognição* (Vol. 13, pp. 13-20). ESETEc.
- Santos, R. A. dos, & Silva, R. M. de N. B. (2018). Racismo científico no Brasil: Um retrato racial do Brasil pós-escravatura. *Educar em Revista*, 34, 253-268. <https://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.53577>
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. Prentice Hall
- Stevao, E. L. de L. (2015). Bichectomy or bichatotomy: A small and simple intraoral surgical procedure with great facial results. *Advances in Dentistry and Oral Health*, 1(1).

- Stewart, I. (2013). A recent behaviour analytic approach to the self. *European Journal of Behavior Analysis*, 14(2), 271-283. <https://doi.org/10.1080/15021149.2013.11434460>
- Sue, D. W., Capodilupo, C. M., Torino, G. C., Bucceri, J. M., Holder, A. M. B., Nadal, K. L., & Esquilin, M. (2007). Racial microaggressions in everyday life: Implications for clinical practice. *American Psychologist*, 62(4), 271-286. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.62.4.271>
- Tavares, J. S. C., & Kuratani, S. M. de A. (2019). Manejo clínico das repercussões do racismo entre mulheres que se “tornaram negras”. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-13. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003184764>
- Tourinho, E. Z. (2006). *O autoconhecimento na psicologia comportamental de B. F. Skinner* (2a ed.). ESETEC.
- Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e relações comportamentais*. Paradigma.
- Vilhena, J. (2006). A violência da cor: Sobre racismo, alteridade e intolerância. *Revista Psicologia Política*, 6(12), 391-413.
- Wong, G., Derthick, A. O., David, E. J. R., Saw, A., & Okazaki, S. (2014). The what, the why, and the how: A review of racial microaggressions research in psychology. *Race and Social Problems*, 6(2), 181-200. <https://doi.org/10.1007/s12552-013-9107-9>
- Yosso, T., Smith, W., Ceja, M., & Solórzano, D. (2009). Critical race theory, racial microaggressions, and campus racial climate for Latina/o undergraduates. *Harvard Educational Review*, 79(4), 659-691. <https://doi.org/10.17763/haer.79.4.m6867014157m7071>

Histórico do Artigo

Recebido em: 31/08/2022

Aceito em: 19/12/2022

Editor Associado: Carolina Laurenti